



Eleições e boatos: O presente (de Trump) em conexão com o passado (de César)

Elections and rumors: The present (of Trump) in connection with the past (of Caesar)

COELHO, Ana Lucia Santos¹

BELCHIOR, Ygor Klain²

Resumo: O boato está em todos os espaços de nossa vida social, seja na televisão ou nas redes sociais. Ele é o mais antigo dos meios de comunicação das sociedades, existindo antes mesmo da escrita. Ele era – e ainda é – uma das principais formas de aquisição e veiculação de informações, contribuindo fortemente para a construção ou destruição de reputações, delimitação de aliados ou inimigos e precipitação de guerras. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é investigar acontecimentos históricos semelhantes que ocorreram em temporalidades históricas distintas. Em outras palavras, evidenciar

¹Doutoranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), sob orientação do Professor Dr. Fábio Faversoni. É pesquisadora integrante do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR-UFOP). E-mail para contato: ana.scoelho@hotmail.com.

²Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do Professor Dr. Norberto Luiz Guarinello. É membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo (LEIR-MA/USP). E-mail: ykbelchi@usp.br.

as similaridades entre o interesse de Trump Jr. em adquirir boatos contra Clinton, no contexto das eleições norte americanas, e as calúnias sofridas por Júlio César acerca do adultério de sua esposa, à época da Roma tardo-Republicana. O referencial teórico empregado nesse artigo pautou-se no conceito de *Anacronismo*, de Loraux (1992), e na concepção de tempo não-linear, discutida por Bevernage e Lorenz (2013).

Palavras-chave: Roma tardo-Republicana; Júlio César; Estados Unidos; Eleições; Trump; Boatos.

Abstract: The rumor is in every space of our social life, whether on television or on social networks. It is the oldest of the means of societies' communication, existing even before writing. It was - and still is - the best way of acquiring and disseminating information, contributing heavily to building or destroying reputations, demarcating allies or foes, and precipitating wars. In this sense, the purpose of this article is to investigate similar historical events that occurred in different historical temporalities. In other words, the evidence of the similarities between Trump Jr.'s interest in rumors against Clinton in the context of the US election and the slander of Julius Caesar over his wife's adultery at the time of late Republican Rome. The theoretical framework used in this article was based on the concept of Anachronism, by Loraux (1992), and in the conception of nonlinear time, discussed by Bevernage and Lorenz (2013).

Keywords: Late-Republican Rome; Caesar; U.S; Elections; Trump; Rumors.

Introdução

Desde outubro de 2016, um assunto que inegavelmente tem circulado na mídia norte-americana é a suposta interferência de Moscou nas eleições estadunidenses. Inúmeras notícias circularam nos mais diversos meios de comunicação, como jornais, revistas e redes sociais, com esse conteúdo em pauta. Basicamente, o tópico debatido no âmbito das notícias e dos boatos políticos era o seguinte: o filho de Donald Trump, chamado Trump Jr., se reuniu com uma advogada russa que afirmava ter informações comprometedoras sobre Hillary Clinton.

Como sabemos, no ano passado, em 19 de julho, Donald Trump foi nomeado o candidato do Partido Republicano para a presidência do país, durante a Convenção Republicana. À mesma época, em 26 de julho, Hillary Clinton também era nomeada para o cargo durante a Convenção Democrata, sendo a primeira mulher a ser candidata à presidência por um grande partido na história dos Estados Unidos.

Ao longo do pleito eleitoral, Trump e seu filho foram acusados de utilizar boatos contra Clinton a fim de prejudicar e acabar com a sua campanha. Segundo o *The New York Times* (2016), esse

foi o primeiro e enigmático sinal de uma campanha de ciberespionagem e guerra de informação arquitetada para interferir na eleição presidencial de 2016 [...]. Autoridades de inteligência acreditam que algo que começou como uma operação para colher informações acabou se metamorfoseando em um esforço para prejudicar uma candidata [...] e fazer a eleição pender em favor de seu adversário [...] (LIPTON; SANGER; SHANE, 2016).

As acusações permaneceram durante todo o processo, que culminou com a

vitória de Trump em 9 de novembro de 2016 com mais de 270 votos dos 538 eleitores do Colégio Eleitoral (NINIO, 2016). Após a conquista, as denúncias contra o novo presidente fortaleceram-se ainda mais, levando a CIA a anunciar publicamente que a Rússia interveio para ajudar Trump a alcançar a Casa Branca (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016).

A situação, de fato, consistiu na incriminação do filho mais velho do presidente, Trump Jr., de se reunir em junho de 2016 com Natalia Veselnitskaya, uma advogada russa ligada ao Kremlin, após uma promessa de que ela lhe daria dados prejudiciais contra Clinton. A notícia circulou nos principais jornais do país:

Figura 1 – Manchete do *The New York Times*



Fonte: <https://www.nytimes.com/2017/07/09/us/politics/trump-russia-kushner-manafort.html>

Figura 2 – Manchete do *The Wall Street Journal*



Fonte: <https://www.wsj.com/articles/trump-jr-met-russian-lawyer-who-claimed-to-have-helpful-campaign-information-1499646830>

Figura 3 – Manchete do *The Washington Post*



Fonte: https://www.washingtonpost.com/politics/presidents-son-met-with-russian-lawyer-during-presidential-campaign-after-being-promised-information-helpful-to-fathers-effort/2017/07/09/90c0e3e8-64e9-11e7-8eb5-cbccc2e7bfbf_story.html?utm_term=.c77160287913

O encontro contou com a presença do presidente da campanha, Paul J. Manafort, e do genro do candidato, Jared Kushner, e ocorreu na Trump Tower duas semanas após Donald Trump ter ganhado a nomeação republicana. De acordo com os jornais supracitados, não está claro se a advogada repassou as informações, mas as expectativas eram de que ela faria isso. Em sua defesa, Trump Jr. declarou:

Depois de brincadeiras trocadas, a mulher disse que tinha informação de que indivíduos ligados à Rússia estavam financiando o Comitê do Partido Democrata e apoiando a senhora Clinton. Suas declarações eram vagas, ambíguas e não faziam sentido. Nenhum detalhe ou informação de apoio foram dados ou oferecidos. Rapidamente ficou claro que ela não tinha informação significativa (G1, 2017).

Independentemente se tais informações realmente existiam ou não, o importante é que elas seriam úteis para definir a vitória de um candidato. Dados privilegiados e sigilosos podem se transformar em boatos difamatórios que descredibilizem uma personalidade política. Dessa maneira, não podemos deixar de pensar que Trump e seus partidários tinham interesse em usar os dados para manipular a opinião pública e construir uma imagem de Clinton como uma candidata incapaz de gerir os Estados Unidos.

Essas reflexões nos levam a ponderar que os boatos podem ser ferramentas determinantes na disputa política, seja criando critérios de julgamento, influenciando na opinião pública, estabelecendo inimigos e aliados ou até mesmo justificando golpes de Estado. Assim, nosso objetivo é explorar os acontecimentos norte americanos para investigarmos a influência dos boatos em outras temporalidades históricas, como por exemplo a Roma tardo-Republicana.

Entendendo os boatos

Entre o presente em que esse artigo foi escrito e o passado que ele pretende pesquisar, as diferenças são enormes e evidentes. Sendo assim, o desafio que se coloca não é o da aplicação da ciência política contemporânea para refletir sobre os pleitos eleitorais modernos, mas, sobretudo o estudo de um instrumento importante para construir a imagem de um bom ou mau candidato em um determinado momento: os boatos.

As primeiras menções a eles são esparsas e não os descrevem como um fenômeno passível de ser investigado cientificamente. A primeira delas foi encontrada em um documento do Parlamento Francês em 1274 e descreve o boato como um “grito” ou um “ruído”, que empurrava todos os cidadãos às contendas e às rebeliões. No século XVI, o termo volta a aparecer em documentos policiais e judiciários, porém agora associado ao vocábulo latino *rumor*, na mesma acepção de *fama*, significando uma notícia que se espalhou ao público e que vigora como um “conhecimento notório”, a exemplo de um crime.³ Em meados do século XVIII, temos o retorno à noção de ruído, só que dessa vez associado aos conceitos de “verdadeiro” e “falso”, indicando uma possibilidade de autenticação (PAILLARD, 1990, p. 125).

Somente no século XX, os boatos começaram a ser pensados como fenômenos científicos. Mudança ocorrida devido ao perigo de um grande conflito bélico: a Segunda Guerra Mundial. Nesse ínterim, os governos de determinados países, como a Alemanha, a Inglaterra e os Estados Unidos, começaram a se preocupar com a disseminação de boatos, por entendê-los como um tipo de comunicação informal desenvolvida em momentos de crise. Tal preocupação advinha do conhecimento de que eles poderiam conter informações vitais para a segurança nacional e notícias que desestabilizariam a nação. Por causa disso, a principal recomendação das autoridades era: ficar calado (FOX, 2012, p. 6). Se ainda assim fossem divulgados, se alastrariam exponencialmente. Vejamos um exemplo:

³De acordo com o *Latin Dictionary*, o vocábulo latino *rumor* possui os significados: “1. O falar de muitos, seja relatando fatos ou expressando opiniões, discussão comum, relatório não autenticado, boatos, rumores, ou com uma menção do seu teor. 2. Opinião comum ou geral, relatório atual, a voz popular; e objetivamente, fama, reputação”, cf. LEWIS; SHORT, (1879, p. 753). A palavra *fama* é definida como: “1. O falar de uma multidão, como um rumor, seja relatando ou julgando, aquilo que o povo diz ou conta, as conversas comuns, um relatório, rumor, o dizer, tradição; 2. A voz ou o julgamento de muitos, a opinião pública; [...] a fama, caráter, reputação que um homem tem, em geral ou em particular, como uma boa ou má reputação, etc.”, cf. LEWIS; SHORT (1879, p. 325).

Figura 4 – “O rumor, igual as sementes jogadas no solo, vai crescer e crescer”.



Fonte: <https://catalog.archives.gov> - registro 513739.

Essa propagação acelerada estaria relacionada ao fato de que os boatos circulam o tempo todo entre todos os grupos sociais. E por mais absurdos e infundados que sejam, “[...] são apenas uma forma de interpretar um ambiente de incertezas, de reforçar os laços e convicções entre um grupo engajado ou de perceber os sinais da abertura de oportunidades para grupos de interesse” (OLIVEIRA, 2016, p. 2).

Segundo Kovacs (1998, p. 111), em contextos bélicos, podemos encontrar três tipos de boatos: os de medo; os de raptos e torturas; e os de monstros estranhos. Tipos que são ainda subdivididos em três categorias: boatos por desconhecimento, religiosos e políticos. Esses últimos são os que mais nos interessam, visto que servem para construir ou destruir a imagem de um candidato, justificar as atrocidades cometidas contra os inimigos, promover a associação de pessoas e mobilizar recursos.

Percorrendo os boatos políticos, encontramos o livro *Boatos: o mais antigo mídia do mundo*, de Kapferer. Na obra, o autor afirma que eles funcionam como informações políticas que exprimem a situação psicológica da época, circulando fora dos canais habituais das mídias, sejam de forma oral ou através de panfletos. Uma circulação que, conseqüentemente, afronta as versões advindas dos grupos políticos dominantes, tornando os boatos um incômodo, “[...] porque são um tipo de informação que o poder não pode controlar” (KAPFERER, 1993, p. 9).

Aldrin (2003, p. 139) tem um argumento similar ao de Kapferer. Para ele, a atividade política é oportuna aos boatos, pois é a partir dela que são socialmente construídos e transmitidos. Tal transmissão ocorre nos altos escalões, na grande mídia e na opinião comum. Devido à circulação entre coletividades distintas, o boato acaba se tornando uma informação de interesse público, permitindo aos grupos conflitantes manipularem a opinião pública (ALDRIN, 2005, p. 89-243).

Na Roma tardo-Republicana, os boatos atuavam nesse último sentido. Especialmente porque a gestão do poder era realizada por facções político-militares, que utilizavam os boatos para controlar a opinião pública e conduzir ao poder quem desejavam. Para tanto, espalhavam boatos vinculados àquilo que se deveria pensar e não ao fato em si mesmo. Pois, como já dizia Cícero, em Roma, “o leve sopro de um boato muitas vezes muda radicalmente as opiniões” (Cic. Mur. 35).⁴

A relação entre os boatos e a reputação pública no mundo tardo-Republicano

Os processos eleitorais em Roma eram muito distintos dos pleitos contemporâneos, sobretudo, porque as diferenças hierárquicas e jurídicas entre os cidadãos estavam ligadas ao funcionamento dos três poderes descritos por Políbio (1996, 11-18) – Monárquico, Oligárquico e Democrático – de forma interdependente. Ademais, a política romana funcionava principalmente por meio das assembleias (*comitia*), ou seja, espaços de decisão que aprovavam e/ou revogavam leis e elegiam os magistrados. As deliberações confirmavam-se sempre pelos votos dos cidadãos, cujo respaldo dependia diretamente dos boatos que circulavam no decorrer das campanhas.

Tais assembleias, a grosso modo, organizavam-se em quatro tipos: *comitia centuriata* (assembleia das centúrias), *comitia curiata* (assembleias das cúrias), *comitia tributa* (assembleias das tribos) e o *concilium plebis* (assembleia da Plebe). A primeira tinha a função de eleger os cônsules, os pretores, os censores e os ditadores, bem como determinar se a *Urbs* iria ou não declarar guerra a uma comunidade. A segunda era composta por trinta cúrias e possuía a função de dotar os magistrados de *imperium*. A terceira assembleia, formada por trinta e cinco tribos, deliberava a respeito de questões judiciais e elegia magistrados menores, como os *ediles curulis* e os *questores*. A última escolhia os tribunos da plebe e promulgava as leis (ABBOT, 2006, p. 1-67).

Todas essas informações levam-nos a perceber a centralidade das assembleias na concorrência por honrarias e magistraturas. Uma disputa, aliás, bastante elucidada por Cícero no *Pequeno Manual de Campanha Eleitoral*, escrito com o objetivo de aconselhar na construção de uma boa imagem pública, a qual definiria a vitória de uma campanha política.⁵

E quais são os conselhos dados pelo senador? A primeira recomendação trazida pela obra é a de que um “homem novo” deveria aproveitar-se do desconhecimento popular sobre o seu passado. A ignorância, segundo Cícero, facilitaria a edificação da imagem de um candidato virtuoso, o que não se aplicava aos concorrentes das famílias tradicionais, porquanto os seus vícios e problemas já eram sabidos por todos (Cic. *Comment. pet.* 1-2).

A segunda recomendação relacionava-se às alianças que um candidato deveria firmar. Para o orador, a aliança com os mais nobres era essencial para que um indivíduo se apresentasse como digno a uma magistratura importante. Se ele, por exemplo, fosse

⁴ “*et totam opinionem parva non numquam commutat aura rumoris*”. As passagens em latim foram traduzidas livremente pelos autores.

⁵ Cícero escreveu esse trabalho por ocasião da candidatura do seu irmão Quinto (um “homem novo”, isto é, o primeiro de uma família a ingressar no Senado) ao consulado, no ano 63 a.C., e seu maior objetivo residia em construir uma imagem pública que não se limitasse apenas ao momento das eleições realizadas em assembleia.

um desconhecido e fizesse amizade com os aristocratas admirados pela população comum, conquistaria mais facilmente o apoio político. Esses mesmos aristocratas também se encarregariam de divulgar boatos elogiosos acerca do candidato e boatos difamatórios sobre os adversários (*infamia*). Uma campanha política, então, deveria funcionar a partir da comunicação entre o concorrente e os principais (*principes*) de “todos os colégios, cantões e bairros [...] de modo a não permitires que haja algum município, colônia, prefeitura, enfim, algum lugar da Itália onde não possuas o apoio suficiente” (Cic. *Comment. pet.* 8).⁶

Em síntese, para Cícero, deve-se

[...] falar acerca da reputação (*rumore*), à qual tem de se prestar atenção no mais alto grau. [...] O que foi dito em toda a exposição precedente, [...] vale para espalhar a tua reputação (*rumorem*): a tua glória de orador, a dedicação dos publicanos e da ordem equestre, a simpatia dos homens nobres, a presença contínua dos jovens, a assiduidade daqueles que foram defendidos por ti, a multidão daqueles que é evidente terem vindo dos municípios por tua causa, os cidadãos que dizem e pensam que tu os conheces bem, que tu lhes diriges a palavra amavelmente, que tu solicitas incessante e ativamente os seus votos, que tu és bom e generoso. [...] Na medida do possível, [...] que a tua reputação (*fama*) chegue a partir destas pessoas ao povo, mas que o povo, por si mesmo, tenha por ti os mesmos sentimentos (Cic. *Comment. pet.* 13).⁷

Portanto, a principal arma de um candidato era a sua reputação. Mas afinal, o que é uma reputação? Ao analisarmos os vocábulos utilizados por Cícero, *rumor* e *fama*, percebemos que era algo construído dentro da esfera da comunicação e da oralidade. A imagem pública girava em torno daquilo que foi dito a respeito do candidato na forma de boatos e, como tal, estava sujeita à manipulação da opinião. Inclusive, Cícero (*Att.* 1, 1) afirma que os boatos eram imprescindíveis para medir a reputação de um indivíduo, pois, com base em uma coleta do que havia sido comentado nas ruas da *Urbs*, tornaria-se mais fácil saber, de antemão, quem venceria nos *comitia*.

Os próprios aspirantes às eleições eram tão sabedores desse fato que, muitas vezes, iam de casa em casa, em especial entre as “pessoas mais pobres e ignorantes”, para comprar a simpatia dos seus falares (Cic. *Cat.* 4, 8, 17). E é justamente dos donos desses falares e dos locais de transmissão dos boatos que discorreremos a partir de agora.

⁶ *Deinde habeto rationem urbis totius, conlegiorum omnium, pagorum, vicinitatum [...] ne quod municipium, coloniam, praefecturam, locum denique Italiae ne quem esse patiari in quo non habeas firmitati quod satis esse possit.*

⁷ *Sequitur enim ut de rumore dicendum sit, cui maxime serviendum est. Sed quae dicta sunt omni superiore oratione, eadem ad rumorem concelebrandum valent, dicendi laus, studia publicanorum et equestri ordinis, hominum nobilium voluntas, adolescentulorum frequentia, eorum qui abs te defensi sunt adsiduitas, ex municipiis multitudo eorum quos tua causa venisse appareat, bene te ut homines nosse, comiter appellare, adsidue ac diligenter petere, benignum ac liberalem esse loquantur et existiment, domus ut multa nocte compleatur, omnium generum frequentia adsit, satis fiat oratione omnibus, re operaque multis, perficiatur id quod fieri potest labore et arte ac diligentia, non ut ad populum ab his hominibus fama perveniat sed ut in his studiis populus ipse versetur.*

Os atores e os centros de informação

Apresentar os atores que divulgavam os boatos na Roma tardo-Republicana é uma tarefa árdua, pois em uma sociedade fundamentalmente oral, os agentes elencados como transmissores podem ser inúmeros. Além disso, é necessário frisar a preocupação das fontes antigas em descrever mais fatos acerca das ordens superiores do que das ordens inferiores, dificultando a apresentação dos agentes envolvidos na propagação dos boatos (THOMAS, 2005, p. 221-238).

Em geral, a troca de informações acontecia nos espaços em que se encontravam indivíduos de diversos estratos sociais e com opiniões díspares. O convívio era guiado por necessidades ou interesses específicos, ambos direcionados à aquisição de informações imprecisas – os boatos – sobre os acontecimentos políticos. Tal imprecisão é o que conduzia as pessoas para esses espaços, pois tentavam sempre buscar mais notícias para sanar as suas dúvidas. O resultado final era um longo processo de deliberação no qual os envolvidos teriam ouvido mais de uma versão a respeito de um fato específico.

Laurence (1994, p. 62-74), no artigo *Rumour and Communication in Roman Politics*, demonstra que o conhecimento de cada sujeito sobre a política era adquirido através da interação social, observação pessoal e pelo ouvir dizer, via boatos. Cada vez que uma pessoa se dirigia a um ambiente de sociabilidade, ela ouvia uma nova informação e antes de comunicá-la a outro indivíduo, a interpretava e a especulava conforme os seus propósitos. O autor ainda afirma que toda informação importante era divulgada principalmente nas *domus* aristocráticas e no Fórum, isto é, espaços onde a sociabilidade cotidiana era intensa.

Em relação às *domus* aristocráticas vale dizer que, na Roma antiga, constituía-se um costume comum a visita diária de clientes às casas de senadores para a *salutatio* matinal (Juv. 3, 127; 5, 19). Durante tal prática, os ali presentes recebiam do aristocrata várias informações – que serviam como veículos de divulgação dos interesses das facções políticas –, bem como traziam consigo boatos para notificar o seu patrono sobre alguma questão de interesse público.

Após os cumprimentos matinais, os aristocratas se dirigiam ao Fórum. Esse, segundo Horácio (*Sat.* 2, 6, 5), era o lugar mais importante e mais frequentado de Roma, o local onde as medidas deliberadas pelo Senado eram transmitidas ao público por oradores profissionais em cima dos *rostra* (Cic. *Att.* 1, 18; *Fam.* 8, 8, 2).

Ao entorno dos *rostra* havia os *subrostrani* e os *susurratores*. Sujeitos que, visando uma remuneração financeira, levavam o que era dito no Fórum para os mercados, os templos, as basílicas e os bairros da cidade. As notícias logo atingiam amplitude, circulando entre os grupos que mantinham contato diariamente (Cic. *Fam.* 7, 1, 4).

A dimensão alcançada por essas notícias, contudo, gerava um problema. Ao repassarem as informações comunicadas pelos *subrostrani* e pelos *susurratores*, as pessoas modificavam a mensagem original, formulando boatos que especulavam o fato ocorrido. Horácio (*Serm.* 2, 6, 49 -58), por exemplo, relata que durante uma assembleia no Campo de Marte, alguns membros da plebe foram até Mecenas – amigo de Otaviano – pedindo-lhe que avaliasse um boato sobre Augusto advindo dos *rostra*:

Mana do rostro frígido boato?
 Qualquer que me encontre me consulta “Amigo,
 Que há aí dos Daces, tu sabê-lo deves,
 Pois que de perto com os deuses trata”.
 – Nada sei! – Estarás zombando sempre!
 – Os deuses todos seu favor me neguem,
 Se tal ouvir falar! – Vamos; que assentas?
 Dará César às tropas cá na Itália,
 Ou na Sicília, os prometidos campos?
 – Se lhe juro que nada sei, me admiram
 Como homem de um segredo inviolável.⁸

O mesmo acontece com Cícero. Em junho de 51 a.C., ele recebe uma carta de M. Célio Rufo que comentava sobre a circulação de um falso boato a respeito de sua morte:

No dia 24 de maio, os *subrostrani* espalharam a notícia de que você havia se afastado, de modo que na cidade e no fórum circulou um boato persistente de que você tinha sido assassinado por Q. Pompeio em sua viagem (Cic. *Fam.* 8,1, 5).⁹

A análise das casas aristocráticas e do Fórum, então, revela que as notícias de interesse público eram obtidas nos centros de informação por meio das bocas dos oradores e dos aristocratas e que o comportamento dos cidadãos era fortemente condicionado pelas informações recebidas de modo informal. Os primeiros receptores eram os seus libertos, os seus clientes, para além dos *subrostrani* e dos *susurratores*, os quais repassavam os boatos até atingirem um amplo público em outros locais da *Urbs*. No final, formava-se uma longa rede de comunicação que ia dos patronos às ruas, em uma espécie de processo centrífugo.

A utilização dos boatos na esfera política antiga

Finalmente, para ilustrarmos a amplitude de um boato e o seu poder de influência sobre as figuras públicas faremos alusão a um episódio em que Caio Júlio César, na função de *Pontifex Maximus*, foi alvo de calúnias por causa do adultério de sua mulher.

O episódio em questão ocorreu em dezembro de 62 a.C. e é narrado por Plutarco (*lul.* 11) e Suetônio (*lul.* 3). Para ambos, as suspeitas de que Pompeia era adúltera surgiram durante a celebração do festival da *Bona Dea*, presidido pela esposa do pontífice. O festival era permitido somente às mulheres da elite, porquanto exaltava a figura de uma divindade associada à virgindade e à fertilidade. Entretanto, um jovem patrício chamado Clódio resolveu vestir-se de matrona com o objetivo de acompanhar as celebrações que aconteciam dentro da residência de César. Depois de um tempo, o intruso acabou sendo descoberto por causa da sua voz masculina. A surpresa fez com que as mulheres entrassem em pânico e dessem gritos estrondosos. Como resultado, Pompeia pediu

⁸ *Frigidus a rostris manat per compita rumor:/ quicumque obuius est, me consulit: ‘o bone – nam te/ scire, deos quoniam propius contingis oportet – ,/ numquid de Dacis audisti?’ ‘nil equidem.’ ‘ut tu/ semper eris derisor.’ ‘at omnes di exagitent me,/ si quicquam.’ ‘quid? militibus promissa Triquetra/ praedia Caesar an est Itala tellure daturus?/iurantem me scire nihil mirantur ut unum/scilicet egregii mortalem altique silenti.*

⁹ *Te a. d. ix, Kal. Iunii subrostrani [...] dissipant periisse, ut in Urbe ac foro toto maximus rumor fuerit, te a Q. Pompeio in itinere occisum.*

para que suas servas fechassem as portas da residência a fim de impedir a saída do infrator, o que possibilitou a localização de Clódio rapidamente.

Vejamos como Plutarco (*lul.* 10. 1-4) narra o ocorrido:

Clódio, que ainda não tinha barba e por isso pensava não ser descoberto, disfarçou-se com as vestes de uma tocadora de instrumento, porque tinha o rosto parecido com o de uma moça: achando as portas abertas foi admitido por uma camareira que estava de combinação com ele e que foi logo avisar Pompeia da sua chegada. Ela demorou-se muito para voltar e Clódio não tendo paciência de esperá-la no lugar onde a havia deixado, foi andando a esmo pela casa, que era grande e espaçosa, sempre evitando a claridade; por acaso foi visto por uma das criadas de Aurélia, que julgando tratar-se de uma mulher, pediu-lhe que fosse divertir-se com ela, mas ele recusou-se e a outra, então, continuou perguntando quem ela era. Clódio respondeu-lhe que esperava uma das servas de Pompeia de nome Abra: sendo então reconhecido pela voz, a criada de Aurélia correu logo para onde estavam as mulheres, dizendo que encontrara um homem disfarçado em mulher: por isso todas ficaram alarmadas, Aurélia mandou interromper imediatamente todos os atos do sacrifício e ocultar o que havia de secreto; mandou fechar as portas da casa e com tochas e archotes, procuravam o homem, o qual foi por fim encontrado no quarto da criada de Pompeia, com a qual ele havia fugido; sendo reconhecido pelas mulheres, foi expulso da casa [...].¹⁰

Em nenhuma das fontes mencionadas encontramos a certeza de que houve uma relação sexual entre Pompeia e Clódio. Suetônio, por exemplo, descreve em poucas linhas aquilo que classifica como uma “suspeita” e Plutarco menciona que a certeza de um adultério aparece momentos após o evento, quando as matronas voltaram às suas casas para informar os maridos do acontecido:

Não deixaram as mulheres de contar o fato a seus maridos naquela noite mesma, quando voltaram a suas casas e logo no dia seguinte correu a notícia por toda a cidade, que Clódio tinha tentado uma coisa inaudita e má e que deveria sofrer o merecido castigo, não somente da parte daqueles aos quais havia ultrajado mas também do governo e dos deuses, e até mesmo um dos tribunos do povo, citou-o à justiça e o acusou de delito de lesa-majestade divina: alguns dos mais poderosos e dos mais influentes do Senado, levantaram-se também contra ele, acusando-o de vários outros crimes dissolutos, até de ter cometido incesto com sua irmã, que era casada com Lúculo: todavia o povo opondo-se às suas veementes acusações defendeu Clódio e isso serviu-lhe de muito, perante os juizes, que ficaram admirados e tiveram medo de irritar o povo (Plut. *lul.* 10. 4-5).¹¹

¹⁰ ὁ Κλώδιος οὔπω γενειῶν καὶ διὰ τοῦτο λήσειν οἴομενος ἐσθήτα καὶ σκευὴν ψαλτρίας ἀναλαβὼν ἐχώρει, νέα γυναικί τὴν ὄψιν εἰκίως. καὶ ταῖς θύραις ἐπιτυχῶν ἀνεωγμέναις εἰσῆχθη μὲν ἀδεῶς ὑπὸ τῆς συνειδυίας θεραπαϊνίδος, ἐκείνης δὲ προδραμούσης ὡς τῇ Πομπηίᾳ φράσειε, καὶ γενομένης διατριβῆς, περιμένει μὲν ὅπου κατελείφθη τῷ Κλωδίῳ μὴ καρτεροῦντι, πλανωμένῳ δ' ἐν οἰκίᾳ μεγάλῃ καὶ περιφεύγοντι τὰ φῶτα προσπτεσοῦσα τῆς Αὐρηλίας ἀκόλουθος ὡς δὴ γυνὴ γυναῖκα παίζειν προὔκαλεῖτο, καὶ μὴ βουλόμενον εἰς τὸ μέσον εἴλκε, καὶ τίς ἐστι καὶ πόθεν ἐπυνθάνετο. τοῦ δὲ Κλωδίου φήσαντος Ἄβραν περιμένει Πομπηίας, αὐτὸ τοῦτο καλουμένην, καὶ τῇ φωνῇ γενομένου καταφανοῦς, ἡ μὲν ἀκόλουθος εὐθύς ἀπεπήδησε κραυγῇ πρὸς τὰ φῶτα καὶ τὸν ὄχλον, ἄνδρα πεφωρακέναι βοῶσα, τῶν δὲ γυναικῶν διαπτοηθεισῶν ἡ Αὐρηλία τὰ μὲν ὄργια τῆς θεοῦ κατέπαυσε καὶ συνεκάλυψε, αὐτῇ δὲ τὰς θύρας ἀποκλείσει κελεύσασα περιήει τὴν οἰκίαν ὑπὸ λαμπάδων, ζητοῦσα τὸν Κλώδιον. εὐρίσκειται δ' εἰς οἶκον παιδίσκης ἣ συνεισῆλθε καταπεφυγῶς καὶ γενόμενος φανερός ὑπὸ τῶν γυναικῶν ἐξελαύνεται διὰ τῶν θυρῶν [...].

¹¹ [...] τὸ δὲ πρᾶγμα καὶ νυκτὸς εὐθύς αἱ γυναῖκες ἀπιοῦσαι τοῖς αὐτῶν ἔφραζον ἀνδράσι, καὶ μεθ' ἡμέραν ἐχώρει διὰ τῆς πόλεως λόγος ὡς ἀθέσμοις ἐπιχειρηγῆτος τοῦ Κλώδιον καὶ δίκην οὐ τοῖς ὑβρισμένοις μόνον, ἀλλὰ καὶ

É essencial, então, percebermos que a simples presença de um infrator masculino, em uma celebração religiosa privada e voltada ao sexo feminino, foi utilizada pelos adversários de César como uma forma de atacar sua reputação política. Cícero, aliás, comenta sobre esse uso:

Eu imagino que você tenha ouvido que P. Clódio, filho de Ápio, foi descoberto usando roupas de mulher na casa de C. César, enquanto um sacrifício estava acontecendo. Uma serva conseguiu tirá-lo da casa escondido. Isso criou um escândalo público (Cic. Att. 1, 12).¹²

Após o escândalo, os senadores reuniram-se para julgar Clódio pela ofensa cometida. Ao mesmo tempo, a população de Roma saiu às ruas para defender o réu, por acreditar em sua inocência. Como os senadores temiam uma reação negativa da população, decidiram que ali não havia o que ser deliberado, por isso, absolveram o acusado.

Quanto a César, ele repudiou sua esposa. Ao ser questionado sobre o divórcio, respondeu: “Eu não quero que minha mulher seja nem mesmo objeto de suspeita” (Plut. *lul.* 10, 6).¹³ Suspeitas essas que, ao serem divulgadas na forma de um boato, poderiam influenciar a opinião pública a respeito dele, principalmente, porque César concorreria às eleições no mês seguinte para a magistratura de Questor.

O exemplo de César mostrou que o boato a respeito do adultério surgiu nas casas dos seus adversários políticos. Esses aristocratas, primeiramente, foram informados pelas suas mulheres – rede familiar – apenas da presença de Clódio. Pela manhã, repassaram as informações aos seus clientes e amigos – por redes clientelares e de *amicitia* – na forma de um boato que chegou até ao Fórum. Lá foi discutido em pleno Senado, porém os senadores não conseguiram tomar uma decisão mais enérgica, porque foram influenciados pelas manifestações de populares ali presentes. E tais pessoas estavam ali, porque o boato das *domus* tinha percorrido toda a cidade.

O anacronismo feito até aqui entre a política americana e a romana tornou-se promissor para pensarmos uma nova maneira de lidar com o tempo na História. Julgamos indispensável que os pesquisadores investiguem alternativas para buscar um passado que justifique o presente, a partir de reflexões que, segundo Loraux (1992, p. 28), cedam lugar a uma “prática controlada”, ou seja, a prática de encontrar respostas no passado com o objetivo de questionar o presente. Nesses termos, é muito importante

[...] o método que consiste de ir para o passado com perguntas do presente para retornar ao presente, marcado com o que se compreendeu do passado. Ainda convém precisar [...] que para a pesquisa isto consiste em uma etapa da qual não se saberia a nenhum preço fazer a economia porque ele constitui uma condição necessária e um momento prévio ao vai-e-vem entre o antigo e o novo [...] (LORAU, 1992, p. 28).

τῇ πόλει καὶ τοῖς θεοῖς ὀφείλοντος. ἐγράματο μὲν οὖν τὸν Κλωδίον εἰς τῶν δημάρχων ἀσεβείας, καὶ συνέστησαν ἐπ’ αὐτὸν οἱ δυνατώτατοι τῶν ἀπὸ τῆς βουλῆς, ἄλλας τε δεινὰς ἀσελείας καταμαρτυροῦντες καὶ μοιχείαν ἀδελφῆς, ἣ Λευκούλλω συνωκῆκει. πρὸς δὲ τὰς τούτων σπουδὰς ὁ δῆμος ἀντιτάξας ἑαυτὸν ἤμυνε τῷ Κλωδίῳ, καὶ μέγα πρὸς τοὺς δικαστὰς ὄφελος ἦν ἐκπεπληγμένους καὶ δεδοικότας τὸ πλῆθος.

¹² P. Clodium, Appi f., credo te audisse cum veste muliebri deprehensum domi C. Caesaris, cum pro populo fieret, eumque per manus servulae servatum et eductum; rem esse insigni infamia.

¹³ τὴν ἐμὴν ἡξίου μῆδὲ ὑπονοηθῆναι.

Agamben (2009, p. 58), concomitantemente, defende que manter os olhos fixos em uma única época não autoriza os sujeitos a compreenderem suas realidades. O ideal seria que o indivíduo não coincidisse perfeitamente com o seu tempo e nem se adequasse às suas pretensões, pois somente através de um deslocamento e de um anacronismo que o sujeito se tornaria capaz, mais do que outros, de perceber e apreender o seu tempo.

Chamamos a atenção, portanto, para a conjectura de que somos contemporâneos de todos os seres humanos. Como dizia Kandinsky (1991, p. 130), a matéria morta é – e carece ser vista como – espírito vivo. O que nos leva a concordar com Burlamaqui (1935, p. 194) quando afirma que a

abstração do tempo é necessária pelo fato da vida ser dinâmica, isto é, existir o movimento e a evolução. Um homem que se estudar em um momento, não se conhecerá. O presente de um homem é porém um resultado do seu passado e do de seus antepassados.

Os objetos da História, se investigados “deslocados de seu tempo”, fora da cronologia linear ou a partir de tempos justapostos, acabam ganhando dimensão e profundidade. É justamente essa ligação entre múltiplas temporalidades que nos facultou apreender o interesse de Trump Jr. em boatos contra Clinton e notar que há a possibilidade de um acontecimento ocorrer em diversos contextos históricos com a mesma configuração (FLORES, 2014, p. 437).

Assim sendo, o tema do anacronismo torna-se promissor para ponderarmos uma nova maneira de lidar com o tempo e com os fatos na História. Uma maneira que descubra direções, saltos ou conexões temporais que deem sentido ao “fazer” histórico. Isso significa que o passado, o presente e o futuro não precisam ser forçosamente concebidos de modo sequencial, mas sim interconectados e com espaços interativos.

Essas são questões mais que importantes, pois acreditamos que uma perspectiva não-linear autoriza-nos acessar aspectos da nossa realidade política que não seriam passíveis de interpretação por intermédio somente da própria contemporaneidade. Somos convidados, por fim, a assimilar que o passado não está presente, mas que nenhum presente é inteiramente separado ou não influenciado pelo passado (BEVERNAGE, B.; LORENZ, C., 2013, p. 28; LORENZ, 2014, p. 45). Ao combinarmos essa ideia com a frase de Faulkner (1951, p. 92) – “o passado nunca está morto” – estaremos mais aptos para compreender que a política de uma época ou de um país dificilmente permitirá consensos. Seja em Roma ou nos Estados Unidos, a política é sempre feita com base na edificação arbitrária da imagem dos candidatos, sendo os detentores dos meios de comunicação e os líderes da opinião pública os maiores construtores dos julgamentos de um governo.

Considerações finais

O estudo do passado romano, sem dúvida, auxilia-nos a refletir sobre as questões políticas modernas. Por causa disso, acreditamos que não devemos estudar o mundo antigo como completamente estranho a nossa realidade, mas sim, por meio de uma visão que priorize o distanciamento político e cultural entre esses dois mundos distintos – e

ao mesmo tempo iguais. Pois “o anacronismo se impõe a partir do momento que, para um historiador da Antiguidade, o presente é o mais eficaz dos motores do impulso de compreender” (LORAU, 1992, p. 58).

E uma das formas de apreendermos a contemporaneidade é justamente a partir dos boatos. Vimos que eles se transformam nas melhores notícias, porquanto trazem furos de informações que atuam nas expectativas sobre aquilo que poderá acontecer e/ou confirmam as expectativas em relação à cena política. No caso da eleição norte americana, as expectativas consistiam na edificação de Clinton como uma candidata incapaz, e, em relação a César, se fundamentava no ataque à sua reputação moral. Falamos, então, de uma informação formulada para ser acreditada, principalmente em momentos decisivos (PETERSON; GIST, 1951, p. 159-160).

Em suma, os boatos são expressões das opiniões coletivas, isto é, uma chave para compreendermos os interesses e as “oportunidades políticas” que os grupos observam como disponíveis para si. O seu estudo revela questões significativas sobre o modo de se fazer e de se vencer uma eleição na Antiguidade e na Modernidade, uma vez que atuam na conquista da opinião pública.

Portanto, não há necessidade de discutirmos se os candidatos abordados nesse artigo eram, de fato, “bons” ou “maus”. Mas é essencial observarmos que os boatos sobre eles, em geral, estão por trás de uma realidade muito mais complexa, ou seja, de disputas de grupos políticos pelo poder. Isso quer dizer que, como historiadores, devemos problematizar os boatos, pois o jogo político depende de muitas outras coisas que não necessariamente das atitudes dos governantes.

Referências

Documentação Primária

- CICERO. *Catilinarias*. Trad. Crescente López de Juan. Madrid: Alianza Editorial, 2009.
- _____. *Discours*, Tome XI: Pour L. Murena. Trad. André Boulanger. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- _____. *Letters to Atticus*. Translated by E. O. Winstedt. London: William Heinemann, 1912.
- _____. *Letters to his friends*. Translated by W. Glynn Williams. London: William Heinemann, 1952.
- _____. *Manual do candidato às eleições*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- JUVENAL. *Sátiras*. *Edicións bilíngüe de Rosário Cortés Tovar*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2007.
- HORACE. *Satires*. Trad. François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1932.
- _____. *Sermones and Epodes*. Translated by Konrad Schroeder. Leipzig: Teubner, 1912.
- PLUTARCO. “*Vida de César*”. *Vidas paralelas*. Vol. VI. Trad. Jorge Bergua Caverro, Salvador Bueno Morillo y Juan Manuel Guzman Hermida. Madrid: Editorial Gredos, 2007.
- POLÍBIO. *História*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília,

1996.

SUETONIUS. "Life of Caesar". *Lives of the Caesars*. Trad. J. C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

Livros, Artigos e Jornais

ABBOT, F. F. *A history and description of roman political institutions*. Boston: Ginn & Company, 2006.

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo*. Trad. Vinícios N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ALDRIN, P. "Penser la rumeur Une question discutée des sciences sociales". *Genèses*. vol. 1, n. 50, 126-141, p. 2003.

_____. *Sociologie politique des rumeurs*. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.

BEVERNAGE, B.; LORENZ, C. Breaking up time - Negotiating the borders between present, past and future: an introduction. In: BEVERNAGE, B.; LORENZ, C. (orgs.). *Breaking up time: negotiating the borders between present, past and futures*. Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 2013. p. 7-36.

BURLAMAQUI, J. *Abstração do tempo e do espaço*. A Ordem, Rio de Janeiro, p. 193-195, 1935.

FAULKNER, W. *Requiem for a Nun*. New York: Signet, 1951.

FLORES, M. B. R. Elogio do anacronismo: para os andróginos de Ismael Nery. *Topoi*, Rio de Janeiro, vol. 15, n. 29, 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. *CIA diz que Rússia atuou para ajudar vitória de Trump na eleição americana*, 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/12/1840237-cia-diz-que-russia-atuou-para-ajudar-vitoria-de-trump-na-eleicao-americana.shtml>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

FOX, J. Careless Talk: Tensions within British Domestic Propaganda during the Second World War. *Journal of British Studies*, n. 51, p. 936-966, 2012.

G1 NOTÍCIAS. *Filho de Trump se reuniu com advogada russa ligada ao Kremlin após promessa de que teria informações contra Hillary, diz jornal*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/filho-de-trump-se-reuniu-com-advogada-russa-ligada-ao-kremlin-apos-promessa-de-que-teria-informacoes-contr-hillary-diz-jornal.ghtml>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

KANDINSKY, W. *Olhar sobre o passado*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

KAPFERER, J. N. *Boatos: o mais antigo mídia do mundo*. Trad. Ivone da Silva Ramos Maya. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

KOVACS, F. N. T. *Les rumeurs dans la guerre du Liban: les mots de la violence*. Paris, CNRS, 1998.

LAURENCE, Ray. Rumour and Communication in Roman Politics. *Greece & Rome*, vol. 41, n. 1, 62 - 74, p. 1994.

LIPTON, E.; SANGER, D.; SHANE, S. *Invasão de hackers na eleição dos EUA foi 'arma perfeita' da Rússia*, 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/12/1841384-hackers-russos-invadiram-as-eleicoes-dos-eua-em-favor-de-trump.shtml>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

LORAUX, N. Elogio do anacronismo. In: NOVAIS, Adauto (Org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 57-70.

LORENZ, C. Blurred Lines: History, Memory and the Experience of Time. *HCM*, vol. 2, n. 1, p. 43-63, 2014.

NINIO, M. *Trump atropela previsões e é eleito o 45º presidente dos Estados Unidos*, 2016. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/mundo/2016/11/1830660-trump-atropela-previsoes-e-e-o-45-presidente-dos-eua-diz-agencia.shtml>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

OLIVEIRA, J. C. M. “Boatos, crises e oportunidades políticas na Antiguidade Tardia”. *História*, São Paulo, vol. 35, e. 89, p. 1-15, 2016.

PAILLARD, B. “L'écho de la rumeur”. *Communications*. vol. 52, n. 1, p. 125-139, 1990.

PETERSON, W. A.; GIST, N. P. “Rumor and Public Opinion”. *American Journal of Sociology*, vol. 57, n. 2, 1951, p. 159-167.

THOMAS, R. *Letramento e oralidade na Grécia Antiga*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo, Odysseus Editora, 2005.